

# JESUS E AS TRADIÇÕES SAPIENCIAIS NO “EVANGELHO RADICAL Q”

Elisa Rodrigues

## Introdução

O estudo da Fonte dos Ditos de Jesus (Documento Q) ou do “Evangelho Radical”, como alguns gostam de intitular, ganhou atenção dos pesquisadores e estudiosos da América Latina há pelo menos três décadas e isso tem a ver, especialmente, com os estudos e a reconstrução do documento Q, proposta pelos estudiosos John Kloppenborg e James Robinson. Esta hipótese que propõe compreender a Fonte dos Ditos como documento estratificado com ênfases teológicas e gêneros literários diferentes, constituiu o ponto de partida para o debate entre alguns pesquisadores que perceberam em Q certa tradição de ditos “anti-sapienciais”. Segundo esta abordagem, a sabedoria contida nos ensinamentos de Jesus iria além da hermenêutica que o anuncia como mestre de sabedoria, conforme os modelos filosóficos gregos.

Neste ensaio, propomos apresentar a Fonte dos Ditos como tradição que propõe: (1) o rompimento com a estrutura social; (2) a re-leitura das tradições religiosas e culturais judaicas; (3) o desprendimento material. Por meio dessa tríade de princípios, a recepção dos ensinamentos de Jesus pela comunidade de Q teria se dado na direção de um cristianismo fortemente marcado pela quebra de paradigmas judaicos e a missão de anúncio da “boa-nova”.

Portanto, mergulhar na Fonte dos Ditos é vislumbrar o universo de idéias e de comportamentos matizados na história dos primeiros cristãos e suas comunidades. Qual seria a identidade ou identidades religiosas desses primeiros cristãos? Que influências o contexto sociopolítico teria na elaboração dos sistemas interpretativos culturais e religiosos dos primeiros cristianismos? Qual a função do material de Q na religiosidade cristã do século I da e.c.?

Esses questionamentos, entre outros, nortearam a escrita desse texto. Mas, em primeiro lugar, advirto o leitor que as respostas ainda não foram satisfatoriamente elencadas. Por essa razão é que julguei ser mais conveniente um ensaio, por seu caráter provisório. Como, aliás, são os conhecimentos: escorregadios e provisórios. O contato com a hipótese de Q nos norteará na aproximação de Jesus e suas tradições sapienciais, especialmente, no estudo do cotidiano dos primeiros cristãos reunidos em torno do “Evangelho Radical”.

## 1. Conhecendo a Fonte dos Ditos de Jesus

A Fonte dos Ditos tem sido estudada por James Robinson, John Kloppenborg e outros pesquisadores que integram o grupo *The International Q Project*. Os resultados

dessas pesquisas foram publicados no periódico *Journal of Biblical Literature*, principalmente, entre os anos 1990-1994.

De acordo com essa escola de pesquisadores, a Escola de Claremont, a Fonte dos Ditos de Jesus também conhecida como Fonte Q (abreviatura do termo alemão *Quelle* que significa “fonte”), é formada por aproximadamente 250 ditos de sabedoria proferidos por Jesus. Sua datação ainda é considerada incerta e não há consenso entre os pesquisadores sobre este ponto, mas pode ser situada entre os anos 40 e 55 da e.c.

Para Kloppenborg, a Fonte dos Ditos era dividida em três estratos ou blocos que representariam comunidades com tradições, formas, estilos, vocabulários e teologias diferentes.

### 1.1. Um evangelho estratificado

Segundo J.J. Griesbach, estudioso alemão do século XVIII (1789), os evangelhos Mateus, Marcos e Lucas foram estruturados de forma semelhante em conteúdo, em enfoque e em seqüência geográfica<sup>1</sup>. Os três evangelistas narraram acontecimentos, curas, exorcismos e ensinamentos de modo objetivo e ininterrupto. Griesbach foi o primeiro pesquisador a chamar os três evangelhos de “evangelhos sinóticos”, porém negou a hipótese de uma fonte de declarações de Jesus extracanônica. O primeiro a propor a existência de uma coleção de declarações de Jesus que aos poucos teria sido incorporada aos evangelhos foi Schleiermacher (*Über die Zeugnisse des Papias von unsern beiden ersten Evv.*, 1832)<sup>2</sup>. Por volta do século XIX, essa fonte passou a ser conhecida como “Q”<sup>3</sup>.

Heinrich Julius Holtzmann (1832-1910), junto de F. Baur, propôs que o conjunto formado pelos evangelhos denominados sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas – apresentava informações mais confiáveis que o evangelho de João, portanto, eram fontes mais antigas. Para apoiar este argumento, Holtzmann compreendeu o material do Novo Testamento de acordo com a teoria das duas fontes desenvolvida por Christian Gottlob Wilke e Christian Hermann Weisse<sup>4</sup>. Estes teólogos entenderam que Mateus e Lucas utilizaram o material de Marcos para a escrita de seus evangelhos e os paralelismos entre Mateus e Lucas, independentes de Marcos, se deviam à existência da fonte autônoma constituída por *logias* de Jesus, identificada como Fonte Q ou, a Fonte dos Ditos.

1. Cf. Werner G. Kümmel. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, p. 47-48; Gerd Theissen e Annette Merz. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-52; Charles H. Talbert and Edgar V. Mcknight. “Can the Griesbach Hypothesis Be Falsified?” In: *Journal of Biblical Literature*. Atlanta, 1972, n. 91, p. 338-368.

2. Cf. Werner G. Kümmel. *Introdução ao Novo Testamento...*, p. 46.

3. Cf. Werner G. Kümmel. *Introdução ao Novo Testamento...*, p. 70; Lou H. Silberman. “Whence Siglum Q? A Conjecture”. In: *Journal of Biblical Literature*. Atlanta, 1979, n. 98, p. 287-288; John J. Schmitt. “In Search of the Origin of the Siglum Q”. In: *Journal of Biblical Literature*. Atlanta, 1981, n. 100, p. 609-611.

4. Cf. Gerd Theissen e Annette Merz. *O Jesus histórico...*, p. 23; H.J. Holtzmann. *Die synoptischen Evangelien. Ihr Ursprung und geschichtlicher Charakter*. Leipzig, 1863 (considerada a obra em que essa teoria ganhou importância definitiva diante da academia de pesquisa bíblica); Christian Hermann Weisse. *Die evangelische Geschichte Kritisches und philosophisch bearbeitet*. 2 vols. Leipzig, 1838; *apud* Albert Schweitzer. *The Quest of the Historical Jesus. A Critical Study of its Progress from Reimarus to Wrede*. Baltimore/London: Johns Hopkins University Press, 1998, p. 1-96.

Parte da Fonte dos Ditos seria constituída por ensinamentos que demonstravam alto grau de paralelismo verbal, uma característica importante, pois permitiria a hipótese de ser uma fonte alternativa, escrita em grego, que se diferenciava dos outros sinóticos principalmente quanto à forma. Decorre dessa conjectura a problematização que tem orientado os pesquisadores nas investigações sobre Q: (1) Teria Q existido na forma de um evangelho independente? (2) Qual teria sido a estrutura literária original deste evangelho? (3) Como Q organizou internamente seus conteúdos? (4) Qual a comunidade ideal de Q e qual seu contexto histórico-religioso?

A partir dessas questões, a Escola de Claremont, protagonizada por John S. Kloppenborg e Leif Vaage, dividiu a Fonte dos Ditos em três blocos que representariam comunidades com tradições religiosas e teologias diferenciadas:

### *O bloco Q1*

É considerado o estrato sapiencial. Tratava-se de um conjunto de ditos de sabedoria de Jesus, constituídos em sua maioria por declarações breves e objetivas que possuíam *status* autêntico e podem ter sido declamados isoladamente. Os ditos eram semelhantes às máximas de sabedoria profícuas no embasamento de discursos. Lembravam a retórica grega quanto à forma e ao gênero literário, principalmente, porque tais ditos aconteciam em função de alguma cena, evento ou acontecimento que oferecia situação propícia ao ensino. Para a escola de Claremont, este bloco seria o mais antigo e original. A partir dele outras camadas teriam sido acrescentadas ao documento, na tentativa de explicar possíveis diferenças de linguagem e teologias (6,20b-49; 9,57-62; 10,2-16.21-24; 11,2-4.9-13; 12,2-12.22-34; 13,24-30.34-35; 14,16-24.26-27; 17,33; 14,34-35)<sup>5</sup>.

### *O bloco Q2*

Este bloco apresentaria ditos proféticos e apocalípticos, com expressões centrais como *Reino de Deus* e *Filho do Homem*.

Para Kloppenborg e Vaage este bloco constituiria acréscimo a Q1, provavelmente, em decorrência de uma crise que abateu a comunidade leitora de Q. A elaboração de tais ditos fez uso de imagens e de símbolos apocalípticos com intuito de superar a crise, por isso, apresentava temas proféticos como: *Anúncio do Julgamento* (3,7-9.16-17; 7,1-10.18-26.31-35; 16,16); *João Batista*, o profeta, com as expressões “esta geração”, rejeição e juízo; *Reino de Deus* e *Filho do Homem* (6,23; 7.34; 9,58; 11,30; 12,8-9.10.40; 17,24.26-28); *Ditos de controvérsias* (11,14-26.29-36.39-52; 12,39-40.42-46.51-53.57-59); *Ditos apocalípticos* (17,23.24.26-30.34.35.37); *Profetismo* e *sabedoria*.

5. Recorde-se que se convencionou citar os textos de Q pelas indicações encontradas em Lucas. Assim, Q 6,20-49 corresponde ao texto que se encontra em Lc 6,20-49.

## O bloco Q3

Este último estrato era constituído pela narrativa da tentação de Lucas 4. Diferentemente dos blocos anteriores, Q3 se destacava pelo estilo literário narrativo e mítico (raro em Q). Seria nitidamente posterior ao restante do material<sup>6</sup>.

### 1.2. A formação da Fonte dos Ditos de Jesus

De acordo com Escola de Claremont, o estrato Q1 era essencialmente sapiencial. Foi formado a partir de *chreias* e não contemplava a narrativa da Paixão. A perspectiva teológica estaria centrada nos ensinamentos de Jesus, proferidos na forma de ditos de sabedoria. Dessa assertiva, decorreu que os estudiosos identificaram paralelos formais (no uso do gênero *chreia*) e históricos com a escola filosófica chamada cínica que, segundo fontes do período, eram atuantes nas cidades da Decápole<sup>7</sup>.

Os estudiosos supõem que as coleções de ditos eram direcionadas principalmente ao público jovem e, em geral, constituídas de duas formas de ditos: *gnomes* e *chreias*. (1) Os *Gnomes* eram coleções de sentenças usadas na educação básica e avançada (a partir do século II a.e.c.), com objetivo de fundamentar valores éticos e morais. Essas coleções buscavam estabelecer padrões de conduta moral, social, religiosa e familiar. (2) As *chreias* eram discursos formados com ditos de caráter retórico e persuasivo. Tratava-se de molduras narrativas em que se inseriam ditos sapienciais e que objetivavam fornecer princípios para orientação da conduta, nos diversos âmbitos sociais<sup>8</sup>. As *chreias* eram especialmente praticadas na tradição cínica, por isso, marcadas pelo traço crítico que questionava “valores e dignidades socialmente aceitos”<sup>9</sup>.

A proximidade entre os leitores cristãos de Q e os cínicos poderia ser identificada nos ensinamentos e nas práticas cotidianas da vida, como: (1) semelhanças na forma de se vestir; (2) na observação da natureza e nas coisas simples como paradigma para a existência; (3) no desprezo pelas instituições sociais como família e pátria; (4) no respeito à figura do mestre e seus ensinamentos relacionados num programa ético, político e religioso. Para Kloppenborg, o bloco sapiencial da Fonte dos ditos apresentaria características e traços de um programa filosófico e educativo semelhante à filosofia cínica.

6. Cf. John S. Kloppenborg. *The Formation of Q*. Philadelphia: Fortress Press, 1987, p. 88-101.

7. Os filósofos cínicos propunham certo modo de vida itinerante e despojado do apego à materialidade. Seus textos eram compostos por coleções de ditos sapienciais que serviam como propaganda do mestre e do programa de ensino que desenvolviam. Para Kloppenborg, a Fonte dos Ditos se assemelhava às coleções de ditos dos filósofos cínicos. Essa discussão sobre os paralelos entre cristãos carismáticos itinerantes e filósofos cínicos foi desenvolvida por Cleomildo Anacleto da SILVA em sua dissertação de mestrado, *Um paralelo entre Fonte Q e os filósofos cínicos a partir de Q 12:22-31* (São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1996).

8. A *chreia* era utilizada como aforismo, isto é, princípio básico para um ensino. Geralmente, era atribuída a uma personagem com autoridade e acompanhada por certa estrutura: (1) Introduzida por “ele disse”. (2) Poderia ser dada como resposta a alguma questão: “e respondendo disse”. (3) Em resposta à exclamação originada de algum fato ou circunstância. (4) Poderia ser constituída tanto de um único período gramatical como de vários. (5) Poderia envolver ações ou ditos, às vezes, ambos. (6) Poderia conter duas séries de pronunciamentos, um em resposta ao outro. Cf. John S. Kloppenborg. *The Formation of Q...*, p. 290 e 309.

9. Em Q, as *chreias* serviam ao gênero simbulético, pois se prestavam a mover o ouvinte a efetuar ou omitir determinada ação, portanto, tinham caráter persuasivo. Cf. Klaus Berger. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 21.46-47.63 e especialmente 78-88.

Por outro lado, os estudiosos Burton Mack e Vernon Robbins apontaram *chreias* no estrato Q2 como a Cura do Servo do Centurião (Q = Mt 8,5-13; Lc 7,1-10) e as histórias acerca de João Batista que colocariam esses personagens no centro de narrativas excepcionais<sup>10</sup>. Para eles, as *chreias* se centravam na figura de um herói, mas não seria possível demonstrar se Jesus correspondia à figura do herói grego caracterizado por nuances de filósofos, de mágicos, de políticos e de militares<sup>11</sup>. O que chama à atenção é que Jesus com seus ensinamentos conclamava número volumoso de seguidores, principalmente, entre as massas de populares que o acompanhavam e, assim, despertou a desconfiança de líderes religiosos e políticos que se sentiam ameaçados. Nos termos de Gerd Theissen, Jesus seria um líder *carismático*<sup>12</sup>.

Destarte, a despeito das diferentes caracterizações atribuídas a Jesus, os estudiosos de Q concordam que os ditos foram escritos em seqüência de temas teológicos que interessavam à comunidade, na forma de aforismos, *chreias*, máximas e instruções. Provavelmente, havia uma noção mística em torno do sábio-mestre que lhe conferia traços de profeta, talvez, como herança da tradição israelita. Nesse sentido, a comunidade relacionava-se com Jesus e seus ensinamentos como se ele fosse representante da sabedoria divina<sup>13</sup>. Os ensinamentos deveriam ser vividos no cotidiano, refletidos nos comportamentos diários e, assim, incorporados à cultura local. Por essa razão, a forma *chreia*, espécie de história artificial, teria sido utilizada como recurso pedagógico de ensino

10. Cf. Burton L. Mack “Elaboration of the Chreia in the Hellenistic School”. In: Burton L. Mack and Vernon K. Robbins (org.). *Patterns of Persuasion in the Gospels*. California: Polebridge Press, 1989, p. 31-67.

11. Dentre alguns personagens estudados como figuras heróicas da Antigüidade, destacamos Apolônio de Tiana. À semelhança de Jesus, Apolônio teve seu nascimento anunciado pelo Espírito Santo e foi concebido por mulher virgem. Conforme indica seu nome, ele nasceu em Tiana (vilarejo da Capadócia) e era conhecido em função de sua formação neopitagórica, por ser sábio-místico e por realizar milagres. Durante período que viveu na Grécia teria realizado curas de doentes, de paralíticos e de cegos, além de ter ressuscitado uma mulher em Roma. Em função de seus feitos, foi perseguido e desapareceu. Mas sua tradição teria permanecido viva ainda no período de formação das primeiras comunidades cristãs. Cf. Gabriele Cornelli. *Sábios, filósofos, profetas ou magos? Equivocidade na recepção da figura de theoi andres na literatura. A magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2001.

12. A perspectiva de Gerd Theissen acerca da forma como Jesus despertava a atenção das massas considera-o segundo a categoria de líder *carismático* e itinerante, desenvolvida a partir do modelo sociológico weberiano: “As formas de legitimação (carismática, tradicional e funcional), mencionadas no ensaio ‘*Legitimation und Lebensunterhalt*’, remontam a uma diferenciação típico-ideal (*idealtypisch*) de três formas dominantes, introduzida por Max Weber. (...) Isto foi um impulso para procurar pelas correspondentes formas sociais no cristianismo primitivo: patriarcalismo do amor, radicalismo itinerante e espiritualismo (gnóstico)”. Cf. Gerd Theissen. *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 26; a respeito do líder carismático, detentor de carisma, diz Weber: “Denominamos ‘*carisma*’ uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada de Deus, como exemplar e, portanto, como ‘*líder*’”. Cf. Max Weber. “Os tipos de dominação”. In: *Economia e sociedade. Fundamentos da sociologia compreensiva*. 4 ed., Brasília/São Paulo: UNB/Imprensa Oficial, 2004, v. 1, p. 158-159.

13. Comparativamente, Jesus também é apresentado como mestre de sabedoria no Evangelho de Tomé. Essa fonte é considerada a mais próxima da hipótese de Q principalmente em função de seu gênero literário, constituído de ditos e raras narrativas. O Evangelho de Tomé foi descoberto em 1945, no Alto Egito (cidade de Nag-Hammadi), em fragmentos escritos na língua copta. O documento reúne aproximadamente 114 ditos e breve narrativa que fornece informações sobre o mestre, assim como as coleções gregas. Cf. Marvin Meyer. *O Evangelho de Tomé: as sentenças ocultas de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

pelos redatores de Q e, conseqüentemente, dos evangelhos. A Jesus pertenceram os ditos de sabedoria.

Kloppenborg destacou que o gênero sapiencial do estrato Q1 era semelhante às *chreias* gregas. Em Q, os ditos sapienciais autênticos de Jesus de Nazaré teriam sido inseridos nelas, as quais teriam caráter doutrinário com intenções notoriamente voltadas à formação ética e crítica dos primeiros cristãos.

Contudo, a classificação da Fonte dos Ditos em blocos, organizados tematicamente e distintos cronologicamente com predominância de Q1 e sua suposta influência grega, tem sido questionada por meio das pesquisas realizadas principalmente pela arqueologia literária e pela retomada de estudos da apocalíptica em tradições antigas sobre Jesus. Isto também se reflete na pesquisa sobre as tradições sapienciais de Jesus, que também poderia se dar a partir da fala do Jesus profético, messiânico.

Como vimos, Kloppenborg, Vaage e outros sugerem que as tradições sapienciais de Jesus podem ter sido inspiradas em tradições gregas. Para sustentarem esse ponto, apresentam como argumento o gênero literário *chreia* e a ausência das narrativas de morte e ressurreição de Cristo, características nos evangelhos. Nessa pesquisa não é dada importância à identidade religiosa de seus leitores e às tradições de origem judaica, o que constitui uma lacuna: se num evangelho é possível identificar sinais da forma *chreia*, isso não significa que seja *chreia*. Antes, bem poderia ser evidência de traços da cultura helênica. Considerando as diferentes formas e gêneros literários apresentados em Q, não poderíamos falar de sabedoria sem considerarmos os elementos proféticos: um gênero não exclui o outro<sup>14</sup>. Por isso, alguns estudiosos têm sugerido que a Fonte dos ditos aglutinou vários gêneros, assim como as fontes antigas do judaísmo<sup>15</sup>.

## 2. A Fonte dos ditos e suas tradições “anti-sapienciais”

Diferentemente da Escola de Claremont, no Brasil há pesquisadores que se aproximam mais da abordagem de Gerd Theissen e entendem a Fonte Q à luz das pesquisas em apocalíptica judaica e cristã. Segundo tal escola, a hipótese de Q não seria fonte unicamente influenciada pela cultura helênica, tampouco a estratificação Q2 e Q3 deveriam ser entendidas como desenvolvimentos da sabedoria contida em Q1, em decorrência da crise que cercou as primeiras comunidades cristãs após a morte de Jesus de Nazaré.

Ocorre que as tradições sapienciais estariam espalhadas por toda a Fonte dos Ditos e teriam forte marca da matriz judaica. Isso estaria explicitado na tônica *apocalíptica* dos ditos de Jesus. Se observada essa característica, os temas *esperança* e *ação política* estariam relacionados no “Evangelho Radical”, conforme a herança profética judaica implícita na conclamação de Jesus aos seguidores: que desenvolvessem postura política e religiosa diferenciada ao anunciar o Reino de Deus. Uma postura que

14. Cf. Archibald Mulford Woodruff. “A Fonte Q nas margens do mundo literário”. In: *Estudos da Religião*. São Bernardo do Campo, 2002, n. 22, p. 37-71, especialmente, p. 51.

15. Cf. Dale C. Allison Jr. *The Jesus Tradition in Q*. Pennsylvania: Trinity Press International, 2000, p. 42.

princiava pela crítica e pelo rompimento social, pois propunha aos seguidores o modelo de discípulo que se opunha às tradições religiosas e culturais do período fomentadas pelo judaísmo antigo.

Neste sentido, a Fonte dos Ditos de Jesus se emparelharia à literatura profética que tem como característica a crítica denunciadora da injustiça social, presente na relação entre opressor e oprimido, representada pelo conflito entre Império Romano e comunidades judaicas na Fonte dos ditos. No conjunto literário bíblico e pseudoepígrafo, a figura do opressor era associada aos líderes políticos e religiosos que exerciam o poder injusta e arbitrariamente. Do outro lado, as multidões representavam a figura do oprimido.

Deve-se pontuar que a profecia tal como é conhecida pelo senso comum tem a ver com o “fim do mundo”, mas segundo John J. Collins não poderia ser sintetizada somente nessa forma, ela estaria relacionada também ao confronto político. A raiz última do conceito situa-se nos mitos de combate que podem ser encontrados em várias culturas do Antigo Oriente Próximo. Em Israel, essa mitologia foi adaptada para celebrar o triunfo de Deus sobre as forças do caos, nos salmos (Salmos 96 e 98). Os profetas, entretanto, projetaram o conflito para o futuro usando a mitologia para evocar o julgamento de Deus, ambos na nação gentílica e na nação de Israel<sup>16</sup>.

Assim sendo, a renúncia ao clã, às tradições religiosas e sociais (da casa e da propriedade, por exemplo), como premissa para seguir Jesus e anunciar o reino, indicava que a quebra dos paradigmas judaicos era importante para a realização da proclamação do Reino de Deus. A crítica voltava-se, portanto, ao império e àquelas lideranças religiosas judaicas cúmplices da ordem romana. Decorre disso, que a oposição de tais ditos voltava-se também para o modelo judaico de liderança estabelecido em Jerusalém<sup>17</sup>.

O estrato Q = Lc 9,57-60 (61-62); Mt 8,18-22 é, nesse sentido, paradigmático para compreensão da hipótese de Q como fonte não circunscrita às influências filosóficas cínicas. Nesse trecho, Jesus forneceu a caracterização ideal de perfil para aquele que pretendia ser seu discípulo. Porém, o fez de modo indireto, recorrendo ao horizonte imagético e simbólico típico das tradições e memórias judaicas. Nos termos da escola de Claremont, essa perícopes corresponderia a uma *chreia*; todavia, a narrativa construída em torno dos ditos indica Jesus num episódio de conflito com um escriba (peculiaridade de Mateus 8,19), dissertando sobre a vinda do Filho do Homem (Q = Mt 8,20; Lc 9,58) e o estabelecimento do Reino de Deus (inserção de Lc 9,60-62) e usando recursos imagéticos, provavelmente, identificáveis com facilidade pelo camponês da época (raposas, tocas, aves, ninhos, arados).

Se por um lado as tradições sapienciais de Jesus na Fonte Q podem ser interpretadas como oriundas da assimilação de formas literárias e da cultura helênica domi-

16. Cf. John J. Collins. “From Prophecy to Apocalypticism: The Expectation of the End”. In: *The Encyclopedia of Apocalypticism*. New York: The Continuum Publishing Company, 1988, v. I, p. 129.

17. Martin Goodman. *A classe dirigente da Judéia*. As origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

nante, por outro, as mesmas tradições podem ser compreendidas como devedoras da tradição religiosa judaica, bem como de seu horizonte cultural e imagético, que excede os textos canonizados em direção aos pseudo-epígrafos e apócrifos do período.

De certo modo, isso se parece com a declaração de Helmut Koester sobre as conclusões de Kloppenborg:

Q ou mesmo Q1, nunca nos dirão o que Jesus realmente disse ou fez. No entanto, Q permanece como testemunha para tentar ficar bem com a memória da pregação de Jesus que desafiou os discípulos a entenderem sua própria situação como um exemplo da realização escatológica. Se isto aparece em Q como uma mensagem na forma de sabedoria radicalizada, isto não é necessariamente uma reflexão direta da voz de Jesus, mas especialmente uma reformulação poética da visão de Jesus (...)<sup>18</sup>.

### 3. A sabedoria nas cenas do cotidiano camponês

As expressões *Reino de Deus* e *Filho do Homem* constituem campos semânticos centrais para a compreensão da apocalíptica nas comunidades cristãs do I século. Ambas trazem em si a tensão presente e futuro, que ilustra as expectativas apocalípticas-escatológicas.

Para Burton Mack haveria uma mudança de inflexão em Q2. No primeiro bloco, por meio dos ditos de Jesus poderia se notar um comportamento de confiança na provisão de Deus. Na segunda camada, diferentemente, o tom seria de ameaça e de rigor, relacionados com os castigos e acontecimentos apocalípticos. O próprio estilo literário indicaria a mudança de ênfase com seus “diálogos, histórias, controvérsias, exemplos retirados da tradição épica, parábolas descritivas, advertências e anúncios apocalípticos” declarados com autoridade e na forma de julgamento<sup>19</sup>.

Para Mack, a temática apocalíptica relacionava-se intimamente ao tema julgamento. Ao contrário da visão gloriosa a respeito do reino, a visão da comunidade de Q concentrava-se nos que haveriam de prestigiar o reino e nos que seriam condenados a estar fora dele. Contudo, não haveria indícios de que a audiência de Q tenha se fechado em regime monástico no aguardo da consumação desse juízo. A contraposição das idéias se deu no momento em que a comunidade percebeu a necessidade de reafirmar o comportamento de fidelidade aos ensinamentos de Jesus quanto ao novo paradigma de comportamento ético-moral. Nesse sentido, o discurso se direcionava a grupos externos à comunidade – como os fariseus –, mas, sem caráter de persuasão, o tom seria acusativo.

Q = Lc 9,57-60 (61-62); Mt 8,18-22 relacionou o Reino de Deus às temáticas cotidianas do campesinato ao discorrer sobre “não ter onde recostar a cabeça”, “rejeição à tradição familiar” e “negação da propriedade”. Ao se identificar com essa situação e

18. Helmut Koester. “The Sayings Gospel Q and the quest of the historical Jesus: a response to John S. Kloppenborg.” In: *Harvard Theological Review*. New York, 1996, n. 98, p. 352.

19. Cf. Burton L. Mack. *O evangelho perdido. O livro de Q e as origens cristãs*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 129.



reforçá-la por meio do incentivo ao desenraizamento e à quebra dos vínculos tradicionais, os ensinamentos de Jesus diferem e confrontam o padrão da tradição judaica. Seguir Jesus implicava itinerância e uma condição de vida desprovida de conforto e vínculos sociais, o que podemos denominar “anti-sabedoria”<sup>20</sup>.

A sabedoria dos ditos de Jesus, portanto, resulta da observação dos conflitos sociais entre as camadas que formavam a comunidade judaica (lideranças religiosas, partidos judaicos, camponeses e indesejáveis) e do questionamento quanto à relevância das práticas e dos costumes judaicos, muitos deles como forma de controle da comunidade judaica e manutenção do *status* dos religiosos. O anúncio do reino surge como esperança para o camponês e para o miserável<sup>21</sup>. Para alguém completamente desprovido de quaisquer recursos: o *ptochos*.

Em linhas gerais, o reino a que Jesus se referia destinava-se aos indigentes, o que criava um paradigma estranho à sabedoria judaica, conforme se verifica em Lc 6,20 e Mt 5,3 (Q) que empregaram o termo *ptokhoi*. Portanto, o reino estava destinado aos indigentes e aos mendigos. Prometido aos grupos marginalizados, sujos e degradados e não somente aos camponeses e artesãos: os bem-aventurados eram os “ofendidos e rejeitados”<sup>22</sup>.

A sabedoria radical de Q levava seus ouvintes à quebra de paradigmas que constituíam elementos constitutivos da identidade religiosa de Israel. A esperança e o rompimento tornaram-se ação política que movia o seguidor de Jesus, da comodidade à crítica e ao conflito.

A nova postura iniciava-se com o convite à reflexão. Por meio da anti-sapiência, Jesus colocava os pretendentes ao discipulado em situação de desconforto. Ele não mostrava a decisão a ser tomada, não fornecia respostas, mas sugeria, problematizava, provocava e deixava o ouvinte em suspensão. Segundo essa perspectiva, obter o Reino de Deus requeria a superação da palavra, das convenções sociais e das práticas religiosas. Tal caracterização prescindia do uso da espada e fazia da palavra (*logia*) seu principal instrumento de luta.

#### 4. As tradições sapienciais no “Evangelho Radical”

O título “Evangelho Radical” atribuído à hipótese Q tem por finalidade destacar a matriz apocalíptica na Fonte dos Ditos de Jesus. Nesse sentido, a abordagem elaborada por Luigi Schiavo, no Brasil, indica que a hipótese de Q seria melhor desenvolvida se entendida a partir da escatologia realizada. Isto porque a “batalha final” já teria ocorrido com a vitória de Jesus sobre Satanás no relato da tentação (Q 4,1-13). Decor-

20. Cf. Elisa Rodrigues. *O anúncio do reino de Deus em Q9.57-62: expectativas apocalípticas e sabedoria cotidiana no discurso do Filho do Homem*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003 (dissertação de mestrado).

21. “O *ptochos* era alguém que tinha perdido todo, ou quase todo, o contato com sua família e seus laços sociais. Muitas vezes, ele era um andarilho e, portanto, um estrangeiro para os outros” (John Dominic Crossan. *O Jesus histórico. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 309).

22. Cf. John D. Crossan. *O Jesus histórico...*, p. 311.

re dessa assertiva que a comunidade reunida em torno de Q vivia o reino escatologicamente realizado e aguardava a concretização desse reino, no retorno de Jesus. Isso resolveria o problema da crise.

Essa abordagem da hipótese Q se deu a partir da seguinte problematização: por qual motivo Q não retratou as tentações e a paixão de Cristo (Lc 4)? Segundo a abordagem elaborada por Schiavo, a tentação teria sido vencida por Jesus no embate que travou com Satanás no deserto, Q = Mt 4,1-11 e Lc 4,1-13. Sem o uso da espada, a vitória salvífica se teria dado com os três ensinamentos de Jesus contrários às redes de Belial. Esta teria sido a batalha escatológica largamente documentada pela literatura mítica: Satanás, com domínio sobre firmamento e terra *versus* Jesus, com a autoridade delegada por Iahweh.

A vitória de Jesus sobre Satanás no deserto com apenas o uso da palavra explicaria a ausência de narrativas e o predomínio dos ditos de sabedoria em Q: a ênfase teológica da fonte estaria nos três *logias* de Jesus, dados em resposta à tentação do diabo. Após a derrota de Satanás, por fim, Jesus pôde dedicar-se à proclamação do Reino de Deus. Segundo essa perspectiva, Jesus teria sido espécie de profeta escatológico e não filósofo cínico<sup>23</sup>.

A consequência direta disso é que morte e ressurreição de Jesus não seriam tão relevantes em Q como foram nos evangelhos. Para os cristãos que formavam a audiência de Q é provável que o valor de Jesus tenha sido o conjunto de saberes e dos ensinamentos que proclamava. Portanto, a imagem de Jesus poderia confundir-se com a de um profeta.

Schiavo destacou que os elementos da apocalíptica que poderiam ser identificados em Q são: a) a literatura mítica: Satanás domina o firmamento e a terra, b) o mundo dividido em rígido dualismo: batalha divina contra Belial e c) o princípio do mal implantado no ser humano desde o princípio da Criação.

Para além do cinismo grego, a crítica social de Q estaria vinculada à tradição sapiencial de Israel, verificável em outras literaturas como o 4Esdras 13, texto que retratou o combate escatológico de Jesus e Satanás, ressaltando sua vitória também por meio da palavra. No mesmo sentido são identificáveis outras tradições como Baruc e o Apocalipse de João. Tais textos apresentam evidências sobre o padrão de ação de Satanás que, comparativamente, servem à explicitação da tentação de Cristo descrita em Q.

Nestes termos, Q = Mt 4,1-11 e Lc 4,1-13 podem ser comparados ao texto que narra a “queda dos anjos” em Gn 6,1-4. Narrativa também testemunhada em Jubileus 4,15 que discorre de modo elaborado acerca dos Vigilantes. Nesse documento, os Vigilantes foram descritos como seres celestiais que desceram ao mundo, a fim de dar instruções para a raça humana. Todavia, entregaram-se às relações sexuais ilícitas ao verem as mulheres. Deste ato decorreram terríveis consequências para a raça humana (Jubileus 4,22; 7,21; 8,3; 10,5 e outras passagens de Enoque) que foram testemunhadas também no Testamento de Rúben 5,6:

23. Luigi Schiavo. *A batalha escatológica na Fonte dos Ditos de Jesus*. A derrota de Satanás na narrativa da tentação (Q 4,1-13). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2002 (tese de doutorado).

Deste modo seduziram os Vigilantes antes do dilúvio. Como eles estavam continuamente olhando para as mulheres, foram repletos de desejo por elas e perpetraram o ato em suas mentes. Então, eles se transformaram em homens e, enquanto elas estavam vivendo com seus maridos, eles apareceram para elas<sup>24</sup>.

No material neotestamentário, em Ap 9,8 e 1Cor 11,10, as narrativas descrevem o poder sedutor e ardiloso de Satanás tipificado na imagem da mulher, o veículo do pecado. Nesses estratos foram destacados três elementos do poder de Satanás: (1) o poder político militar, (2) o poder religioso (Templo, conforme a tradição Ascensão de Isaías 4,2-14) e (3) o poder da popularidade. Por analogia, a narrativa da “queda dos anjos” também corresponderia às três redes de Belial: (1) o poder militar (armas), (2) o poder da sedução (cosméticos) e (3) o poder da mágica/astrologia (saber). Assim, como os Vigilantes caíram nas redes tentadoras de Belial, as tentações do deserto objetivavam a queda de Jesus. Uma estrutura mítica de matriz judaica originária da sabedoria de Israel.

Neste sentido, o ápice de Q e, ao mesmo tempo, tradição fundamental em torno da qual a audiência da Fonte dos Ditos se mobilizou, teria sido o enfrentamento escatológico entre Jesus e Satanás. Algo não incomum entre o século II a.e.c e os anos 70 d.e.c, quando ocorreram a ocupação da Palestina e a destruição de Jerusalém: acontecimentos que imagetivamente foram interpretados como o domínio das forças do mal sobre o povo eleito. O conflito entre os *filhos das trevas* e os *filhos da luz*. Um jogo dualista e de estrutura mítica também identificado em documentos de Qumran (1QM, 1QS e CD)<sup>25</sup>. Nas palavras de Schiavo: “Os judeus no I séc. de nossa era acreditavam ter chegado o tempo da grande batalha final entre o Messias com seu exército de anjos e Belial e suas hostes de demônios, identificado agora no opressor romano, os *Kittim* do Documento de Damasco (I,9)”<sup>26</sup>.

Em suma, diferentemente da Escola de Claremont, os pesquisadores da Fonte dos Ditos em São Bernardo do Campo que integravam o *Projeto de Pesquisa Estruturas Religiosas Convergentes do Judaísmo e Cristianismo do Primeiro Século* discordaram quanto à primazia do bloco 1 em relação aos blocos 2 e 3 de Q. Segundo esse grupo, as tradições sapienciais de Q teriam sido profundamente marcadas pela tradição judaica, pela sabedoria e pela memória de Israel.

### **Considerações finais, mas não definitivas...**

O ensaio que apresentamos procurou verificar de modo sucinto a discussão sobre as tradições sapienciais em Q. Verificamos duas contribuições, das quais destacamos a última, originária da pesquisa no Brasil. A primeira abordagem atribui a sabedoria de Jesus contida na hipótese de Q aos contatos e intercâmbios com a cultura e filo-

24. Cf. James H. Charlesworth (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. Nova York: Doubleday, v. 2, p. 784.

25. *A Regra da Congregação, Regra da Comunidade e Documento de Damasco*, respectivamente.

26. Cf. Luigi Schiavo. “O mal e suas representações simbólicas. O universo mítico e social das figuras de Satanás na Bíblia”. In: *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, 2000, n. 19, p. 77.

sofia grega. Propõe como modelo comparativo o grupo de filósofos cínicos atuantes na Decápole. Por outro lado, a segunda abordagem problematiza a predominância do estrato Q1 e sugere compreender essa fonte à luz da apocalíptica judaica, das tradições míticas de combate e da experiência das comunidades cristãs no século I.

O Filho do Homem caracterizado pela Fonte dos Ditos tinha voz profética. Seu anúncio propunha com rigor (1) a necessária condição de indignação; (2) a quebra de paradigmas ético-morais da tradição judaica; (3) o rompimento com a casa, indicando o desenraizamento social e geográfico (Q = Lc 9,57-62; Mt 8,18-22). Essa caracterização constituía o modelo de Q que estabelecia o perfil adequado para o discípulo que pretendia anunciar o Reino de Deus. Apesar de apresentar nexos comuns ao cinismo, tal caracterização nos parece estar mais próxima das tradições judaicas, como por exemplo das tradições dos essênios projetadas nos manuscritos do Mar Morto. Nesse sentido, a despeito de ser didática, a estratificação da Fonte dos Ditos é hipótese passível de discussão, de revisão e de crítica. Sugerimos que Q estaria mais vinculada à tradição da crítica judaica à dominação romana, do que próxima da cultura helênica. Portanto, ao invés de filósofo cínico, seria mais plausível a imagem de um Jesus profeta.

### Bibliografia

ALLISON, Dale C. Jr. *The Jesus Tradition in Q*. Pennsylvania: Trinity Press International, 2000.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

CHARLESWORTH, James H. (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983-1985, 2v.

COLLINS, John J. "From Prophecy to Apocalypticism: The Expectation of the End". In: *The Encyclopedia of Apocalypticism*. New York: The Continuum Publishing Company, 1988, v. I, p.129-161.

CORNELLI, Gabriele. *Sábios, filósofos, profetas ou magos? Equivocidade na recepção da figura de theioi andres na literatura. A magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2001 (tese de doutorado).

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

GOODMAN, Martin. *A classe dirigente da Judéia. As origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C.* Rio de Janeiro: Imago, 1994.

KLOPPENBORG, John S. "The Sayings Gospel Q and Quest of the Historical Jesus". In: *Harvard Theological Review*. New York, 1996, n. 89, p. 307-344.

KLOPPENBORG, John S. *Q Parallels. Synopsis, Critical Notes and Concordance*. Sonoma: Polebridge, 1987.

KLOPPENBORG, John S. *The Formation of Q*. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

KOESTER, Helmut. "The Sayings Gospel Q and the Quest of the Historical Jesus. A Response to John S. Kloppenborg". In: *Harvard Theological Review*. New York, 1996, n. 89, p. 351-354.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.

MACK, Burton L. *A Myth of Innocence. Mark and Christian Origins*. Philadelphia: Fortress, 1988.

MACK, Burton L. "Elaboration of the Chreia in the Hellenistic School". In: MACK, Burton L. and ROBBINS, Vernon K. (org.). *Patterns of Persuasion in the Gospels*. California: Polebridge Press, 1989, p. 31-67.

MACK, Burton L. *O evangelho perdido. O livro de Q e as origens cristãs*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

MEYER, Marvin. *O Evangelho de Tomé: as sentenças ocultas de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

ROBINSON, James M.; HOFFMANN, Paul and KLOPPENBORG, John S. (ed). *The Critical Edition of Q: Synopsis including the Gospels of Matthew and Luke, Mark and Thomas: with English, German and French Translation of Q and Thomas*. Leuven: Peeters, 2000.

RODRIGUES, Elisa. *O anúncio do reino de Deus em Q9.57-62: expectativas apocalípticas e sabedoria cotidiana no discurso do Filho do Homem*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003 (dissertação de mestrado).

SCHIAVO, Luigi. *A batalha escatológica na Fonte dos Ditos de Jesus. A derrota de satanás na narrativa da tentação (Q 4,1-13)*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2002 (tese de doutorado).

SCHIAVO, Luigi. "O mal e suas representações simbólicas. O universo mítico e social das figuras de Satanás na Bíblia". In: *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, 2000, n. 19, p. 65-83.

SCHMITT, John J. "In Search of the Origin of the Siglum Q". In: *Journal of Biblical Literature*. Atlanta, 1981, n. 100, p. 609-611.

SCHWEITZER, Albert. *The Quest of the Historical Jesus. A Critical Study of its Progress from Reimarus to Wrede*. Baltimore/London: Johns Hopkins University Press, 1998.

SILBERMANN, Lou H. "Whence Siglum Q? A Conjecture". In: *Journal of Biblical Literature*. Atlanta, 1979, n. 98, p. 287-288.

SILVA, Clemildo Anacleto. *Um paralelo entre Fonte Q e os filósofos cínicos a partir de Q 12:22-31*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1996 (dissertação de mestrado).

TALBERT, Charles H.; MCKNIGHT, Edgar V. "Can the Griesbach Hypothesis Be Falsified?" In: *Journal of Biblical Literature*. Atlanta, 1972, n. 91, p. 338-368.

THEISSEN, Gerd. *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Fundamentos da sociologia compreensiva. 4 ed. Brasília/São Paulo: UnB/Imprensa Oficial, v. I, 2004.

WOODRUFF, Archibald Mulford. “A Fonte Q nas margens do mundo literário”. In: *Estudos da Religião*. São Bernardo do Campo, 2002, n. 22, p. 37-71.

*Elisa Rodrigues*  
Praça Franklin Delano Roosevelt, 112 ap 121 – Consolação  
01303-020 São Paulo, SP  
elisa.erodrigues@gmail.com